

MIRKO: ALEGORIA DA SEDUÇÃO E DA DOR

MIRKO: *ALLEGORY OF SEDUCTION AND PAIN*

Olga Maria Castrillon-Mendes¹
(UNEMAT)

*E a infanta avança ao som dos burcelins...
Como sonâmbula perdida
Em encantos, místicos jardins,
Dir-se-ia que dança desmaiando
Ao perfume das flores que estão em roda...
Dir-se-ia que dança e está sonhando...
Dir-se-ia que a estão beijando toda...*

(EUGÊNIO DE CASTRO, *Salomé*, 1896)

¹ Professora de literaturas de língua portuguesa da UNEMAT/Cáceres. Do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários/PPGEL e do PROFLETRAS. E-mail: Olgmar007@hotmail.com

RESUMO: Refletindo sobre o campo intelectual e cultural de Mato Grosso, este artigo busca compreender a construção da alegoria a partir da tessitura dos elementos do enredo e da ação das personagens do romance *Mirko*, de Francisco Bianco Filho (1901-1947). A significação imagética, de forte acento descritivo, é construído alegórico que exige articulação por parte do leitor, que se constitui aliado do discurso que dá visibilidade às representações histórico-literárias locais.

PALAVRAS-CHAVE: Francisco Bianco Filho; Romance; Campo literário; Mato Grosso.

ABSTRACT: Reflecting about the intellectual and cultural field of Mato Grosso, this article searches to understand the construction of the allegory from the tessitura of the elements of the plot and the action of the personages of *Mirko* novel of Francisco Bianco Filho (1901-1947). The imagetic signification, of strong descriptive accent, is allegoric construction that it demands joint on the part of the reader, who is ally of the speech that gives visibility to the local description-literary representations.

KEYWORDS: Francisco Bianco Filho; Novel; Literary field; Mato Grosso.

A primeira impressão que me chegou do romance de Francisco Bianco Filho (1901-1947), foi pela visão de Dante Gatto, em evento da UFMT. Em seguida, apreciei o prefácio de Walnice Vilalva, co-organizadora da Coleção Obras Raras, num momento em que me dedicava a compreender o campo literário representado pelos primeiros romances publicados em Mato Grosso, dentre eles, *Luç e sombras*, de Feliciano Galdino de Barros (1917), *Piedade*, de José de Mesquita (1927) e *Era um poaieiro*, de Alfredo Marien (1944)².

Mirko é de 1927, momento em que Mário de Andrade tecia os retalhos de *Macunaíma* para pensar as (des)caracterizações nacionais. Suas impressões foram colhidas durante as viagens pelo

Amazonas, cujos inusitados registros estão n’*O turista aprendiz*, publicado nesse mesmo ano. A leitura do romance-rapsódia na ótica do viajante-turista redimensiona o processo cultural pelo qual o Modernismo tentava pensar o caráter múltiplo brasileiro, rompendo com a ideia da unidade romântica. Entravam no cenário as formas alegóricas do romance voltadas para as raízes populares como mecanismo contrário ao estilo de vida europeu reproduzido pelas elites paulistana e carioca, que deslocava a população para as margens da cidade em virtude do processo de urbanização. É o que Alfredo Bosi compreende como um olhar que separa os polos da vida pública nacional: “de um lado, arranjos políticos manejados pelas oligarquias rurais, de outro, os novos estratos socioeconômicos que o poder oficial não representava (BOSI, 1985, p. 342).

Diante da incapacidade de organizar a sociedade na recém proclamada República, a sociedade se remexia movimentada pelos levantes populares regionalizados dos chamados “esquecidos da República”: Revolta da Armada, 1893; Canudos, 1896-1897; Revolta da vacina, 1904 e da Chibata, 1910-14. A literatura, em meio à preponderância parnasiana, voltou-se para essa parcela “esquecida” da população, registrando um olhar crítico que focalizava algumas regiões específicas do Brasil, como Minas Gerais (Afonso Arinos), Rio Grande do Sul (Simões Lopes Neto), Paraíba (Augusto dos Anjos), Maranhão (Graça Aranha), São Paulo (Valdomiro Silva e Monteiro Lobato) e Rio de Janeiro (Lima Barreto e Euclides da Cunha).

Em Mato Grosso, o romance de Francisco Bianco Filho foge em grande medida à temática social dos escritos do período. Para um momento de convulsões sociais em que forças políticas contrárias se digladiavam, o texto é quase um refrigério romântico, embora com algumas rebeldias temáticas. Além de pouco conhecido e estudado, está preso à tradição romanesca. No entanto, tem uma importância genética para a história literária, no contexto das realizações culturais brasileiras das primeiras décadas do século XX. Pode-se dizer que tem muito da voz popular e da expressão essencial

do caráter universal pretendido pelos modernistas. Então, não é forçoso dizer sobre a importância de sua reedição mais de meio século depois da primeira edição, mesmo não figurando nos manuais de historiografia literária.

Mirko está no plano da representação transitória e dual do destino humano. Mais para afirmação de princípios do que hipótese de investigação; mais reforço de sentimentos de valores sociais, do que modificação de conduta e concepção de mundo, lembrando como Antonio Candido analisa as relações internas do fenômeno literário (CANDIDO, 2000). Sua natureza pode ser vista como uma *mônada* individual, em cuja noção reside a natureza das coisas do espírito humano³. Preconiza uma vasta comunidade internacional que possa garantir a paz e a difusão do cristianismo, essas forças binárias em busca da pretensa unidade. Para centralizar essa ideia há um núcleo rígido, simbolizado por sentimentos ambíguos, como a dor e a sedução. Em torno desses sentimentos vinte capítulos alternam valores humanos. De um lado, sofrimento/dor/prazer; de outro, esperança/força/resignação, intercalados por descrição de uma natureza que acompanha (e transforma) as personagens. Não se desliga, portanto, do aparato romântico de composição. Mas há uma inovação, como já apontada pela crítica e retomada aqui para repensar a cultura localizada e as ideias do narrador sobre a condição feminina, componente estrutural responsável pela linha de coerência do romance.

Nesse sentido, o que o romance pode representar nas discussões sobre a história literária brasileira, especificamente, sobre o campo literário em Mato Grosso?

Diria previamente, no espaço desta discussão, que compõe certo sistema de significação da proposta do seu autor, também ele, resultado da ambivalência de forças e das transformações sociais do seu tempo. O escritor está, portanto, ligando as pontas do novelo da vida com as quais tece suas reflexões, possibilitando o entendimento do mecanismo de construção do material artístico.

Bianco Filho foi um mineiro que se formou, como outros escritores interioranos da época, no Rio de Janeiro, na Faculdade Livre de Direito, nos tempos do jornalismo de João do Rio (1881-1921). Ao que se nota, sofreu alguma influência da irreverência do cronista, aliada ao convívio com o não menos irreverente poeta Lobivar Matos⁴. Juntos, constituem vozes que se reatualizam pelas discussões sobre o anseio popular e os sentimentos humanos. Um no Rio de Janeiro, outro em Mato Grosso, anteciparam olhares sobre as culturas minoritárias, escrevendo sobre temas polêmicos como a mulatice e a vida colocada à margem da sociedade.

Com a atuação jornalística, afinou o olhar e a pena. Colaborou com o “Rio-Jornal” e, em Minas Gerais, “A Pátria” e “A voz do Povo”. Em Cuiabá foi professor, exerceu cargo público na magistratura e fez parte da Academia Mato-Grossense de Letras, ocupando a Cadeira N. 24. Coloca-se, assim, no espaço de travessia de estilos. Sobre ele, diz Philogonio de Paula Corrêa que o recepcionou na Casa Barão de Melgaço: “O seu decidido pendor literário e a sua irresistível vocação para o magistério, sempre encontraram tempo para dedicar à imprensa, à tribuna da eloquência e à cátedra de professor, movimentos preciosos nos intervalos das atividades do magistrado” (CORRÊA, 1996, p. 29-30). Apesar de profícua atuação, tem poucas e quase desconhecidas publicações registradas e, menos ainda, estudadas: *Mirko* (romance, 1927), *Direito Eleitoral*, *O direito em ação* (crítica à obra jurídica de Jaime de Vasconcelos, 1937), *A cadeira nº 24 e o sentido da imortalidade* (discurso de posse) e *Piedade: romance de José de Mesquita* (crítica, 1938) (MENDONÇA, 1975, p. 23 & NADAF, 2002, p. 365). No *entre-lugar* em que tenta pensar a cultura interior (também ele um homem “periférico”) se vê perante um passado que já não exprime os anseios da arte, e o futuro das transformações urbanas que requer posição do intelectual.

Por isso, a trajetória literária do escritor não demonstra compromisso claro com o conservadorismo, mas certa delimitação do campo jurídico-social, expressando os fatores do meio que, no

romance, produz efeito prático sobre a moral social que defende. Não se nota a preocupação do regional, nem na linguagem, nem no espaço (o espaço é Minas Gerais). A tentativa é de generalizar o binarismo dos sentimentos das personagens, para alcançar a unidade universal dos seres humanos que estão no mundo e sofrem, principalmente, por amores não concretizados. Terapia perfeita dos padrões românticos que, tardiamente, ainda se faziam sentir nas “esquecidas” províncias republicanas. Um processo de evolução das tendências artísticas nas primeiras décadas do século XX, marcado pelas contradições, como analisa o historiador francês Marc Ferro em texto de acentuado didatismo:

Desse estranho mundo em transformação, desaparecem atividades milenares. Outras profissões nascem e morrem em menos de uma geração, uma patente de invenção substitui outra, que por sua vez será substituída. Surgem novas empresas, outras não se sustentam. Assim também acontece com um grande número de lares. E sempre em nome da lei, do progresso e da liberdade. Mas essas características, surgidas no começo do século XX, não estão também presentes hoje em dia? (FERRO, 2008, p. 85).

Assim, enquanto os primeiros modernistas estão em busca de elementos para construção de uma identidade nacional (que se mostrará plural), garantindo a avalanche transformadora da sociedade, em Mato Grosso há certo retorno conflitivo às origens, reafirmando valores sociais próprios à manutenção da memória histórica e cultural. De um lado, o projeto (de aceitação ou não) do regime republicano; de outro, a sustentação e legitimação do sentimento de pertencimento e de uma auto-imagem de Mato Grosso. Em meio aos conflitos dos últimos anos do século XIX e das primeiras três décadas do XX, as letras foram tomadas como instrumento de luta ao lado da tensa relação entre o político-administrativo e o cultural. A emergente necessidade do fortalecimento (e assenhoreamento) de uma identidade regional que

contabilizasse a natureza do povo e assegurasse a permanência do sentido do *ser* mato-grossense, definiu as forças simbólicas que colocavam em jogo o lugar de Mato Grosso no cenário nacional e a perda do caráter da pretendida permanência de uma identidade local.

Paralelamente à tensa relação entre os grupos políticos que lutavam pela manutenção do poder, uma força simbólica (letrada) trabalhava em prol de uma memória que restabelecesse, na conexão passado/presente, uma pertença reconhecida (ou negada) de que fala Roger Chartier ao compreender as identidades impostas que visam assegurar e perpetuar seu assujeitamento. Sem as suas certezas, o pesquisador encontra refúgio no retorno à erudição e ao arquivo, como diz o historiador. São eles que atribuem sentido às “palavras que arrancam do silêncio dos arquivos” e as categorias que manejam têm história.

A escritura da história, mesmo a mais quantitativa, mesmo a mais estrutural, pertence ao gênero da narrativa, com o qual compartilha as categorias fundamentais. Narrativas de ficção e narrativas da história têm em comum uma mesma maneira de fazer agir seus “personagens”, uma mesma maneira de construir a temporalidade, uma mesma concepção de causalidade (CHARTIER, 2002, p. 17).

Com isso, a produção de uma verdade é mera prática cultural, portanto, representação construída pelos homens sobre os objetos culturais sujeitos às percepções e apreciação do que se pode chamar de cultura. Nesse sentido, a articulação entre as tensões é dicotômica e em constante discussão, como se propõe ler o texto de Bianco Filho.

O entrecho do romance e a estratégia alegórica

Acentuamos o interesse da divisão da obra em duas partes que representam a dualidade humana, dicotômica, ou seja, o eterno

dilema entre o bem e o mal, tendo a morte como punição/recompensa, da mesma forma como acontece em *Luz e Sombras* (1917), de Feliciano Galdino de Barros, tido como o primeiro romance mato-grossense⁵.

A primeira palavra do romance é SOFRER, escrito dessa forma, em caixa alta, metaforizando o trecho da história. Mirko é o protagonista e em seu favor encontra-se com o sofrimento, reiteradas vezes posto e alegorizado, pela dor “imprescindível, pois sem ela não ressaltaria o prazer” (p. 35). O sofrer, metáfora da vida, comunga com a esperança, luz que fortalece e impulsiona a existência. São axiomas sobre os quais o romance irá gravitar. Essa alegoria se demonstra pelas festas religiosas que homenageiam duas figuras bíblicas: São João e São Sebastião. O primeiro simboliza a resistência perante os pecados da carne, o “perder a cabeça” por uma mulher sedutora; o segundo, o martírio por uma causa nobre. Como no romance, as personagens estão entre esses duplos sentimentos que constroem o sentido alegórico. Figurativamente o pensamento é trabalhado de modo a relacionar os elementos de composição. No entretecer dos valores humanos, o texto ganha sentido, traduzindo as ideias em imagens representativas do universo dual.

Nesse sentido, entendemos a Alegoria na perspectiva de Walter Benjamin que a distingue entre a “cristã”, trabalhada nos estudos sobre o drama barroco, e a “moderna”, presente nas leituras sobre Baudelaire, afirmando que “a alegoria é a máquina-ferramenta da modernidade” (BENJAMIN, 1985, p. 143). Com ela é possível pensar a posição intermediária do narrador, atravessado pelo passado que teima em retornar, e o futuro das transformações urbanas que não pode negar. Como é um conceito, cujos estudos retóricos residem no sentido etimológico grego de caráter moral (Allegoría = dizer o outro), interessa-nos, aqui, compreender o termo na representação geral de uma ideia tomada da realidade particular do romance. Ou seja, entre o efêmero e o eterno constrói-se o pensamento mais desenvolvido sobre a sedução e a dor através dos quais os dramas humanos articulam elementos que são decifrados

(ou não) pelas personagens. Uma alegoria cristã (exegese?) que resume o sentimento maniqueísta visto como mantenedor da linha de conduta do ser humano.

No contexto de Mato Grosso, por um lado, se vivia a pacífica gestão de Dom Aquino Corrêa que havia lhe dado os símbolos nacionais e as Instituições culturais mais importantes, como o Instituto Histórico e a Academia Mato-grossense de Letras; por outro, os conflitos de fronteira com Goiás (caso Morbek X Carvalhinho) e as perturbações causadas pela segunda passagem da Coluna Prestes, vinda do longo período no nordeste do país⁶.

Mesmo sem nenhuma referência social que dê conta de tal quadro político, a narrativa preocupa-se mais com a natureza como pano de fundo nos sonhos de Mirko ou como elemento de categorização e/ou transformação dos sentimentos das personagens. No segundo capítulo há uma extensa descrição do entorno em que se assenta o lugarejo onde se desenvolve a maior parte da trama, em oposição à cidade grande, o Rio de Janeiro, espaço de aquisição de saberes e/ou de desvirtuamento da alma. Então temos duas células sociais que são herdeiras do naturalismo: a cidade (a república dos estudantes) e o campo (a aldeia) “jóia graciosa cravada em recanto tão bendito da natureza, possui como todas as aldeias, a igreja branca ao topo da colina” (p. 35-6). O branco como sinal da pureza que estará presente, tanto no símbolo religioso, como na cor do caixão que transporta a heroína para a sepultura, ao final do romance. A divindade não tocada (a religião não vivida) em oposição ao vírus urbano corrosivo dos costumes e da família e à natureza semi-selvagem de Leda, representando a liberdade e a lascívia de Salomé (como lembrada na epígrafe) e o triângulo amoroso Mirko/Leda/Luciano. É daí que brotam as personagens, deslocadas da ordem implantada pelo discurso dos bons costumes: “a vida é simples e bela, os corpos sadios e os corações são fortes, mantendo-se a moral no seu granito intangível de purificações e encantos” (p. 36). No Arraial, portanto, só há monotonia cotidiana, quebrada apenas pela musicalidade natural dos “carros do sertão”, dos pássaros, dos

ventos. Sinfonia heróica que é resquício (positivo para o narrador) da herança colonial.

Na festa de São João no Arraial (o povo em oração), o narrador remete as articulações alegóricas ao texto bíblico. João é o homem simples que resiste aos encantos e investidas da sedutora Salomé. Mais uma vez a dicotomia entre o calor do fogo (corpo em chamas, paixão) e o frio da noite festiva. O coração quente de Mirko encanta-se pela bela carioca Leda, contaminada pela urbe, liberada, entregando-se aos prazeres fáceis da sedução: “Assim é que Mirko seduz não propriamente Leda, mas seu corpo esbelto, suas faces de cereja e seus lábios sequiosos de carícia” (p. 41).

Contrastando com o cenário fidalgo, outra festa acontece sobre o clarão da fogueira: a dos colonos de raízes negras, provenientes do Congo. É o descendente africano cultuando ancestrais num espetáculo de “samba sertanejo” (com urucunga nas mãos para os velhos e caxambu para os mais jovens). Os velhos lamentam o passado, a mancha da escravidão. O “cantadô” Sucupira personifica a memória estereotipada da escravidão, o negro da sua terra pela “bestialidade infame que ofendia a Deus e deprimia a própria natureza humana” (p. 41). Sucupira não é personagem fictícia, o que dá ao romance o estatuto de veracidade do que se quer contar. O próprio autor o explica em nota de pé de página como um “preto velho que trabalhava em propriedades da família” (p. 42), fato muito comum entre famílias mais abastadas que “agregavam” as pessoas para o trabalho com a casa ou com a terra.

Em contraposição a tal cenário Mirko surge triste por ter sido preterido por Leda na festa e sonha (p. 44-9). O sonho shakespeariano, (prenúncio da morte?), perpassado por rituais dionisíacos. Ao acordar, Sucupira ainda entoava as memoráveis cantilenas. Nos cantos, o halo da morte, das ruínas de uma “raça triste” de que se plasmou o brasileiro, como se lê nos “retratos” esquadrihados nos textos de Paulo Prado (1928) e Sérgio Buarque de Holanda (1936).

Assim, os capítulos são tecidos por entrecchos folhetinescos. O espaço lacunar do periódico, em si, é a representação da narrativa para ser sorvida aos goles, com ápices interrompidos, visando o leitor comum, que tem pressa do desfecho. Por isso, a literatura veiculada nos “rodapés” dos jornais foi fundamental na constituição do leitor brasileiro. Em Mato Grosso, os romances nacionais (leia-se românticos, basicamente) ganham visibilidade por esse meio de divulgação, interiorizando os cativantes enredos baseados nos aspectos da vida comum com todas as mazelas da classe proletária.

Lido por esse viés, o trabalho com os primeiros romances escritos em Mato Grosso, que tiveram sua base na publicação em folhetins, constitui forte aliado dos discursos que buscam reconhecer e dar visibilidade às representações histórico-literárias locais. Mesmo sendo parte de uma pesquisa em andamento, a socialização destes textos tem possibilitado variados gestos de leitura pelos quais a produção literária “de margem” tem contribuído para a compreensão do campo literário brasileiro. O que significa dizer que é colocada em pauta a relevância dos estudos sobre as manifestações individuais e coletivas que tensionam a vida social e fazem com que os indivíduos se reconheçam ao estabelecerem suas diferenças em relação a outros indivíduos com base em atributos sociais e culturais em constante negociação.

Tais interpretações buscam assinalar redes sócio-culturais que se formam em escala global, compondo um cenário de trocas e de conflitos que se redefinem em diferentes espaços de sentidos. O religioso é um deles e o mais visível. As consequências de tais investidas resistem ao ideário de modernidade e necessitam ser enfrentadas nas perspectivas teóricas e críticas para se compreender as políticas e culturas plurais nos diversos espaços de significação.

Portanto, reconhece-se um campo intelectual e cultural segmentado, delimitado por posições, hierarquias e disputas por lugares, prestígio e reconhecimento no interior de um grupo ou deste em relação a outros, regulados pelo discurso das instâncias

legitimadoras e construídas pela própria sociedade. Deste modo, é preciso conhecer os processos hegemônicos de produção que criaram essa interdependência, como pensado por Pierre Bourdieu (1992).

As imagens adquirem, assim, um grande potencial descritivo. Mas vimos que sua significação não é traduzida diretamente. O que se representa nelas são construções alegóricas que exigem o trabalho de articulação pelo leitor, estabelecendo as possíveis interpretações e posturas teóricas, salutares à compreensão mais abrangente do objeto artístico.

Referências

ANDRADE, Mário de. **O turista aprendiz**. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

BENJAMIN, Walter. A Paris do 2º Império em Baudelaire. In: KOTHE, Flávio R. **Walter Benjamin**. São Paulo: Ática, 1985.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**: estudos de teoria literária e história da literatura. 8 Ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CASTRILLON-MENDES, O. M. Releituras mí(s)ticas no romance brasileiro. **Forma Breve**. Atas do Congresso “Caim e Abel: conto e recontos”. Universidade de Aveiro, 2015. Disponível em www.revistas.ua.pt/index.php.formabreve/index

CASTRO, Eugênio de. **Salomé e outros poemas**. Coimbra: Livraria Moderna de Augusto D’Oliveira, 1896.

CEIA, Carlos. **Alegoria**. In: E-dicionário de termos literários. Publicação on-line <http://www.fcs.unl.pt//edtl/verbetes/A/Alegoria/html> Consulta

em 20/03/2016.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietudes. Trad. Patrícia C. Ramos. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

CORRÊA, Philogonio de Paula [1946]. **Discurso de recepção de Francisco Bianco Filho**. Revista da Academia Mato-Grossense de Letras comemorativa do Jubileu de Diamante. Cuiabá: AML, 1996.

FERRO, Marc. **O século XX explicado aos meus filhos**. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

FILHO, Francisco Bianco [1927]. **Mirko**. Edição Obras raras. Cáceres: Ed. Unemat/AML, 2008.

MENDONÇA, Rubens. **Dicionário Biográfico mato-grossense**. 2 Ed. do autor, 1971.

_____. **Bibliografia mato-grossense**. Cuiabá: Ed. UFMT, 1975.

_____. **Nos bastidores da História de Mato Grosso**. 2 ed. Coleção Memórias Históricas. Cuiabá: SEC/MT; Integrar Defanti, 2012.

NADAF, Yasmin J. **Rodapé das Miscelâneas**: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

PÓVOAS, Lenine Campos. **História Geral de Mato Grosso**. Vol. 2. Cuiabá, 1995.

Notas

² A Coleção é uma parceria UNEMAT/Academia de Letras e tem sido largamente difundida entre os pesquisadores da área que a ela dirigem diferentes olhares e concepções.

³ O conceito de monadologia é do filósofo alemão Leibniz, em cujas ideias reside a noção de unidade, própria para se pensar o texto estruturado em torno de um único núcleo de composição.

⁴ Lobivar Matos (1915-1947), ao lado de Rubens de Mendonça e Silva Freire, compõe o grupo conhecido como modernista em Mato Grosso.

⁵ Cf. estudos complementares que faço sobre o romance (2015).

⁶ Cf. *História Geral de Mato Grosso*, de Lenine Póvoas (1995) e *Nos bastidores da história de Mato Grosso*, de Rubens de Mendonça (2012).